

22. “O velho é melhor”

“Os mais jovens honrem os mais velhos, e os mais velhos amem os mais jovens”
(RB 63,10)

São Bento pede que entre os mais jovens e os mais velhos haja uma troca de honra e amor. É como se o valor que o jovem reconhece no ancião, este o transmita ao mais jovem por meio da afeição. Há então uma verdadeira troca. Se um jovem admira um ancião de longe, é como se o valor que admira nele permanecesse uma meta inatingível. Se, contudo, na vida comunitária há o encontro, o ancião, por assim dizer, pode “inclinarse” sobre o jovem e, amando-o, oferece-lhe como dom o valor de sua experiência, de sua sabedoria, da sua virtude. Então, verdadeiramente, o jovem é ajudado pelo ancião a crescer e amadurecer.

Esta é uma relação de obediência fecunda, em que obedecer torna-se uma possibilidade de acolher o bem que o ancião pode transmitir-lhe. Por isso, no capítulo 71, São Bento pede que “todos os mais jovens devem obedecer aos respectivos irmãos mais velhos com plena caridade e solicitude” (RB 71,4).

Por toda Regra São Bento valoriza a velhice. À porta do mosteiro deve ser colocado “um ancião sábio” (*senex sapiens*) “cuja maturidade não lhe permita vaguear” (RB 66,1). São sobretudo os anciãos que são chamados a dar conselho, seja ao abade (3,12), seja como pais espirituais dos confrades (4,50; 23,1-2; 27,2; 46,5; 58,6). Os anciãos são chamados a vigiar os irmãos mais jovens, também sob sua disciplina. No dormitório estão encarregados de vigiar quanto a disciplina e o silêncio noturno, e seus leitos devem estar intercalados com os dos mais jovens (22,3.7). Durante as horas de *lectio divina*, um ou dois anciãos devem circular para verificar se os irmãos estão entregues à leitura, “para que não se encontre um irmão, vítima da acedia, que se entrega ao ócio ou se perde em conversas em vez de dedicar-se à leitura, trazendo assim prejuízo para si mesmo, mas também sendo causa de distração para os outros” (cf. 48,17-18).

Tudo isto mostra que, para São Bento, os anciãos são chamados sobretudo para *acompanhar* os mais jovens a progredir humana e espiritualmente, para amadurecer em harmonia com a sua vocação. Por isso, Bento quer que os anciãos estejam sempre em contato com os jovens irmãos da comunidade, vivam com eles, codividam concretamente, inclusive no refeitório e no dormitório, sua vida. São Bento sabe que educa verdadeiramente aquele que está presente, que codivida a vida dos jovens e dos discípulos.

Quando visito nossas comunidades, sobretudo aquelas que têm mais vocações, ouço dos jovens sempre um lamento: “Não somos acompanhados como deveríamos!”. É verdade que em certas comunidades o número de jovens excede o dos monges e monjas mais maduros que possam acompanhá-los, mas frequentemente é como se os mais velhos preferissem ocupar-se de outras coisas a ocupar-se dos jovens da comunidade.

O verdadeiro problema do clericalismo é que, no fundo, deseja-se ser sacerdote sem querer ser pais e pastores. O clericalismo existe quando se quer ser padre para si mesmo e não para os outros. Também muitos leigos ou religiosos e religiosas pecam frequentemente pelo clericalismo quando lisonjeiam a inclinação à “autoreferência” dos sacerdotes, em vez de se dirigirem a eles para ser acompanhados em um caminho de santidade. Os padres a quem se pede o Cristo, a palavra e a graça de Cristo não correm o risco de cair no clericalismo, porque aquilo que as ovelhas lhes pedem é tão grande que supera sempre suas forças e qualificações, pelo que sentem-se sempre inadequados, “servos inúteis” (Lc 17,10) e, portanto, humildes, mendigando o dom de Deus que são chamados a transmitir.

Mas quanto é importante, e procuro lembrar isto em todas as comunidades onde os jovens irmãos e irmãs lamentam-se por não serem acompanhados, que cada um se sinta chamado a tornar-se “ancião” por amor dos jovens irmãos e irmãs que a comunidade acolhe ou gostaria de acolher. Nisto devemos ir contra a tendência do mundo para a qual envelhecer é uma desgraça. Ao contrário, como diz Jesus, falando do vinho: “Ninguém depois de beber do vinho velho deseja o novo, porque diz: O velho é melhor!” (Lc 5,39)

Na Regra é claro que os mais velhos na vida monástica, mesmo se, talvez, são mais velhos apenas alguns anos, são sempre solicitados por São Bento a exercer um acompanhamento dos mais jovens, ao menos o acompanhamento do exemplo de sua vida e, sempre e em relação a todos, o da oração.

“O oitavo grau da humildade consiste em que o monge só faça o que lhe exortam a regra comum do mosteiro e os exemplos dos mais velhos” (RB 7,55).

Se meditamos sobre este brevíssimo oitavo grau da humildade, que, no fundo, reflete toda imitação educativa da Regra, compreendemos que no mosteiro somos todos praticamente jovens e anciãos ao mesmo tempo. Todos, por toda vida, temos necessidade do exemplo dos mais velhos para progredir, para nos corrigirmos, para começar de novo, para perseverar. E ao mesmo tempo, todos somos chamados a encarnar para os outros este exemplo de vida. Todos juntos formamos esta “regra comum” que se transmite de geração em geração, que especifica o carisma de toda comunidade dentro do carisma de toda Ordem. Sem esquecer contudo que a primeira e fundamental “regra comum” de toda comunidade é a comunhão, a caridade fraterna.

Quando uma comunidade está de acordo em seguir uma regra de vida comum, fazendo em conjunto a experiência de que isto permite crescer e amadurecer as pessoas, então o influxo desta experiência comunica-se também para fora da comunidade, comunica-se também ao mundo. Toda comunidade que cultiva uma experiência comum que faz crescer humana e cristamente seus membros, é, por isso mesmo, uma comunidade missionária, edifica aquela que o beato e logo santo Paulo VI chamava “a civilização do amor”.

A civilização do amor é uma civilização em que a comunhão entre os homens reflete a comunhão de Deus e com Deus, em que a familiaridade humana reflete e encarna a familiaridade divina.

Por isso, diria que, por amor aos jovens, por amor de sua fé, de sua vida e vocação, nossa primeira preocupação deveria ser a de ter e nos tornarmos bons anciãos. Assim, ao fim deste Curso, não desejo que permaneçais jovens, porque seria como que desejar a uma planta que permanecesse um arbusto, que só produz folhas mas não frutos. Desejemos para nós uma humanidade adulta, sempre mais madura, capaz de exercer um acompanhamento pela própria vivência para quem é ainda novo no caminho da vida e da vocação.

Uma árvore velha, mesmo se não dá mais fruto, mesmo se talvez é já morta e ressecada, pode ainda ser queimada e transmitir o fogo do Espírito que aquece e ilumina o mundo inteiro!

O ultimo Capítulo e o último dia do Curso são a ocasião para nos despedirmos e exprimir nossa gratidão.

Antes de tudo agradeço a todos vós por vossa participação e vossos serviços comunitários! Agradeço a todos que prepararam e animaram a liturgia cotidiana! O encontro de uma tão grande variedade de culturas, línguas, observâncias monásticas, enriqueceu-nos a todos.

Agradeço de coração ao Pe. Procurador Lluç e Agnese Kulczyka pelo imenso e cuidadoso trabalho de organização! Agradeço também Annemarie Schobinger, Piotr Kulczyki e Elias Kass Hanna! Agradeço a nossas fantásticas Irmãs Missionárias Filhas do Coração de Maria na cozinha, lavanderia e no serviço de passar a roupa! A todos os Professores que partilharam convosco seu conhecimento com amor e paixão! Agradeço a todos os intérpretes, sempre excelentes, e em particular os de nossa Ordem e a suas comunidades que no-los cederam: Pe. Bazezew di Shola, Pe. Guilherme de Claraval e Madre Aline de San Giacomo di Veglia!

Um grande trabalho foi realizado por todas as tradutoras e tradutores de meus capítulos: Annemarie Schobinger para o alemão; Pe. Stephen de Dallas para o inglês; Sr. Michaela di Rieunette para o francês; Pe. Procurador Lluç e Madre Eugenia para o espanhol; Madre Aline e Dom Luis Alberto de Itatinga para o português!

Certamente cada um de nós e eu em primeiro lugar está consciente que deve também pedir perdão pelas negligências, faltas de atenção e distrações. Mas a consciência de nossas fraquezas faz parte da formação que nos faz amadurecer com humildade.

Agradeço a todos os benfeitores que de um modo ou outro patrocinaram este Curso de Formação, em particular a AIM, mas também aos benfeitores privados e as comunidades!

Penso enfim naqueles que terminaram o Triênio e a quem saudamos com afeto, com quem permaneceremos em comunhão, certos de que continuaremos unidos o caminho de nossa comum vocação!

Damos sobretudo graças a Deus por nos ter dado este tempo de comunhão e formação para crescer no conhecimento e na experiência de Sua verdade e de Seu amor!